



DOI: <http://dx.doi.org/10.22484/2177-5788.2017v43n1p193-207>

A compra do silêncio: o escândalo político em torno do áudio de Michel Temer

Deysi Cioccarì

Vanderlei de Castro Ezequiel

Resumo: Este artigo analisa a cobertura midiática do dia 18 de maio de 2017, quando vazou um áudio para a imprensa em que o presidente Michel Temer, gravado por um dos donos do grupo J&F, proprietário do frigorífico JBS, fala sobre a compra do silêncio do ex-deputado federal Eduardo Cunha (PMDB-RJ). Pretendemos com esse artigo aprofundar a relação entre política, espetáculo e escândalo através das noções de Guy Debord e John B. Thompson e analisar as consequências desse escândalo para a política brasileira bem como o papel do Jornalismo no cenário atual.

Palavras-chave: Política. Espetáculo. Comunicação.

The purchase of silence: the political scandal in the Michel Temer's audio

Abstract: This paper analyzes the media coverage of May 18, 2017, when an audio tape was leaked to the press in which President Michel Temer, recorded by one of the owners of the J & F group, owner of the refrigerator JBS, talks about buying silence Of former federal deputy Eduardo Cunha (PMDB-RJ). This paper intends to deepen the relationship between politics, spectacle and scandal through the notions of Guy Debord and John B. Thompson and to analyze the consequences of this scandal for Brazilian politics and the protagonism of Journalism.

Keywords: Politics. Show. Communication.

Introdução

“O espetáculo não deseja chegar a nada que não seja ele mesmo.” (DEBORD, 1997, p. 17). Com essa afirmação, Debord nos oferece um pouco do que viria a ser a política brasileira. Na Tese 6, o autor expõe uma forte crítica ao espetáculo como sendo resultado dos modos de produção existente. O autor vê o espetáculo como um meio de dominação da sociedade e como uma forma de afirmação das escolhas já feitas na hora da produção. O espetáculo atua a favor do capitalismo e o consumo acaba sendo consequência. A consciência humana e a capacidade do homem de pensar ficam submissas a um conjunto de influências que recebem do espetáculo. O espetáculo desvincula o espectador de sua própria história, de suas origens e de seu modo de pensar e agir.

O pesquisador Roger-Gérard Schwartzberg, em seu livro *L'État Spectacle* (1977), aponta que no âmbito da discussão desse assunto, na atual conjuntura, o espetáculo deixou de ser um fator exclusivo societário e se transformou no ‘Estado espetáculo’, pois, para ele, devido ao avanço do mal¹, além da sociedade em geral, o próprio Estado passou a ter relação com o espetáculo e se converteu em empresa teatral, ou seja, “o Estado se transforma em ‘produtor’ de espetáculos e a política se faz ‘encenação’”. (SCHWARTZENBERG apud RUBIM, 2001).

Hoje em dia, o espetáculo está no poder. Não mais apenas na sociedade. De tão enorme que foi o avanço do mal. Hoje, nossas conjecturas já não têm como único objeto as relações do espetáculo e da sociedade em geral. Como as tecia Guy Debord em 1967. Agora é a superestrutura da sociedade, é o próprio Estado que se transforma em empresa teatral, em ‘Estado espetáculo’ (SCHWARTZENBERG, 1978, p. 1).

Rubim (2004), nos afirma que para o modelo de análise, a espetacularização do poder político e da política se define pela assunção, sem mais, de uma inevitável lógica produtiva da mídia, sempre impregnada e comandada pelo entretenimento, sobre a política, desvirtuando seu ser. Rubim (2004) alerta também, e cabe muito bem nesse trabalho quando analisamos a divulgação do áudio em que o presidente Michel Temer “compra” o silêncio do ex-deputado federal Eduardo Cunha (PMDB-RJ), que uma reflexão que deseje enfrentar verdadeiramente o problema da espetacularização da política, em uma contemporaneidade estruturada em rede e ambientada pela mídia, não pode deixar de reconhecer o recurso à emoção, à sensibilidade, à

¹ No entendimento do autor, há mais do que uma sociedade do espetáculo, há um estado espetáculo totalmente dominado por essa superestrutura de forma sistemática e organizada. Nas palavras do autor, para "melhor iludir o público de cidadãos" (SCHWARTZENBERG, 1978, p. 9).
REU, Sorocaba, SP, v. 43, n. 1, p. 193 – 207, jun. 2017

encenação, aos ritos e rituais, aos sentimentos, aos formatos sociais, aos espetáculos. Em suma, recorrer a tudo aquilo que em conjunto com o debate e a argumentação racional conforma a política. Por conseguinte, não podem ser considerados como atributos advindos tão somente da contemporânea espetacularização da política.

De acordo com Thompson (2002), o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa trouxe ao menos uma grande transformação para os padrões tradicionais de interação social: permitiu aos indivíduos estabelecerem relações dialogais sem a necessidade da presença deles no mesmo ambiente físico, dessa forma proporcionando, aos indivíduos a possibilidade de agirem e reagirem a eventos ocorridos em locais distantes. Para dar conta dessa nova forma de “interação”, Thompson (2002) cunhou o termo “quase-interação mediada”. Para ele, o caráter essencialmente monológico da comunicação mediatizada, e o fato de ser uma produção de formas simbólicas que terá como interlocutores uma quantidade praticamente inestimável de indivíduos, não permitiria que fosse considerada uma interação em seu sentido lato. Entretanto, não se pode deixar de lado que mesmo não estabelecendo uma relação diretamente dialógica, as informações difundidas pela mídia, em muitos casos, não têm apenas uma via. Se, por um lado, é difícil criar um debate direto, a troca de argumentos pode se dar entre duas mídias distintas, ou mesmo entre uma edição e outra de um mesmo jornal. Não se deve esquecer, também, que algumas das novas tecnologias permitem, sim, uma interlocução direta (internet, tv digital etc.). Além disso, embora não haja interferência direta dos receptores sobre os produtores, estes últimos orientam a produção do conteúdo a ser veiculado nos meios para aqueles que, imaginam, receberão a informação. A imprensa é uma empresa e o seu produto é a informação. Portanto, seus editores procuram selecionar aqueles conteúdos que, acreditam, terão maior aceitação por parte daqueles que compram e daqueles que patrocinam o jornal. Em outras palavras, existe certo grau de influência indireta do público sobre os conteúdos veiculados pela mídia.

O autor pergunta: o que faz com que um escândalo seja um escândalo político? Um dos elementos que distingue o mero escândalo do político é que a arena de discussão é outra; implica em lideranças políticas que estão envolvidas com o poder político num campo político (definição utilizada por Pierre Bourdieu). Os escândalos podem aparecer em diferentes regimes políticos, desde regimes autoritários até em regimes nos quais predomina a democracia liberal. Porém, o regime que favorece a maior ocorrência dos escândalos políticos é a democracia

liberal, pois tal regime possui algumas características que o diferenciam dos outros: a) política neste regime é um campo de forças em competição, organizadas e/ou mobilizadas em torno de ideias, partidos e grupos de interesse; b) a reputação dos políticos é importante neste regime porque prevalece uma institucionalização do processo eleitoral e, para se ascender ao poder e obter sucesso eleitoral, um dos elementos chaves é gozar de boa reputação; c) relativa autonomia da imprensa neste regime político; d) condições do poder político que permitem que transgressões sejam descobertas por rivais e opositores, visto que prevalece neste regime o princípio da lei.

Esse trabalho analisa a cobertura midiática no dia 18 de maio, dia seguinte à divulgação do áudio em que o presidente Michel Temer fala sobre a “compra do silêncio” do então deputado federal Eduardo Cunha (PMDB-RJ). A análise é centrada no dia posterior à divulgação do áudio em virtude do vazamento ter sido divulgado em 17 de maio, às 19:30h. Nossa análise optou por seguir os jornais impressos e seus desdobramentos nos respectivos sites no dia seguinte. Acompanhamos todos os grandes veículos da mídia brasileira e seus principais colunistas de política, a fim de entendermos como a imprensa se comporta em momentos cruciais quando surge um escândalo. O imediatismo da nossa sociedade coloca à prova valores primordiais do jornalismo como a checagem e o rigor nas análises dos fatos. A tentativa desesperada de surfar a onda da audiência pode levar o jornalista a cometer erros e injustiças que derrubariam até o Presidente da República. A frase mais forte e repetida nos últimos dias tem sido: “Tem que se manter isso, viu?”. Como a imprensa brasileira cobriu um dos maiores escândalos políticos dos últimos anos? Como espetáculo, poder e mídia se relacionam? Nossa análise objetiva, antes de tudo, entender as relações nesse cenário histórico de imediatismo, euforia e crise.

A compra do silêncio: espetáculo e escândalo

Um bom exemplo de política e espetáculo vemos na capa do jornal O Globo (Fig. 1), responsável pelo “furo” de reportagem do áudio de Michel Temer, na manhã de 18 de maio, dia seguinte à divulgação do áudio. Vale lembrar que o vazamento do áudio é um elemento novo na cena política, somente possível com as transformações da sociedade.

Outro aspecto a ser considerado é que o surgimento do escândalo midiático está relacionado com as transformações sociais do mundo moderno, que tem redefinido as relações entre a vida pública e a vida privada, pois agora novas formas de visibilidade e publicização se fazem presentes, provocando novas relações entre escândalo e mídia e entre ações e interações sociais (CHAIA, 2015, p. 4).

Figura 1 – Capa do jornal *O Globo*



Fonte: O Globo, Rio de Janeiro, 18 maio 2017. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/busca/>>. Acesso em: 25 maio 2017.

Na mesma linha, somente com essa evolução a mídia pode transmitir ao eleitor o tom dramático ou não que ela quiser. A capa do jornal O Globo optou pelo fundo preto na imagem do presidente acrescentando um tom dramático à capa do veículo. Nesse caso, o tom preto fornece além da dramaticidade, a sugestão do fúnebre. Ou, abordando Boris Kossoy (2001, p. 121):

Há de se levar em conta a interpretação das imagens que se dá através de interpretações do sujeito-observador. No esforço de interpretação das imagens fixas, acompanhadas ou não de textos, a leitura das mesmas se abre em leque para diferentes interpretações a partir daquilo que o receptor projeta em si, em função do seu repertório cultural, da sua situação socioeconômica, de seus preconceitos, de sua ideologia, razão por que as imagens sempre permitirão uma leitura plural.

Não trata-se apenas da política. A política, nesse caso, é o “palco”. Mas é questão do jornalismo recorrer à teatralidade a fim de chamar a atenção do leitor. “O espetáculo não exalta os homens e suas armas, mas as mercadorias e suas paixões” (DEBORD, 1997, p. 44). E, vender jornal é mais do que o capitalismo sendo exercido sem sua plenitude. É sobrevivência. É possível ilustrar a espetacularização midiática como a exaltação da visualidade falando da cobertura dos principais veículos do país.

Além do mais, “o espetáculo não deseja chegar a nada que não seja ele mesmo” (DEBORD, 1997, p. 17). Logo no início deste artigo ponderamos a forma como Debord vê o espetáculo. No episódio do vazamento do áudio vimos isso acontecer em sua forma mais plena. No que poderíamos chamar de um efeito manada, o áudio divulgado primeiro pelo jornal *O Globo* não foi contestado por nenhum jornalista. Assim que Lauro Jardim divulgou o áudio, todos os outros repórteres da imprensa nacional o replicaram. No dia seguinte, em 19 de maio, Vera Magalhães, de O Estado de S. Paulo fez um *mea culpa* em uma participação ao vivo na Rádio Jovem Pan²: “não existe, naquela gravação, aval de Temer à compra do silêncio de Cunha”. A jornalista admite que houve excesso e que faltou “rigor” e “checagem” no processo. Um dos grandes pontos nesse episódio do vazamento do áudio é que até os bastidores da política foram atingidos. É um processo novo e delicado. O vazamento de um áudio implica em legitimidade, cuidado e, como a própria jornalista reiterou, uma checagem minuciosa.

² Vídeo de Vera Magalhães: Disponível em: <<http://www.implicitante.org/blog/vera-magalhaes-nao-existe-naquela-gravacao-aval-de-temer-a-compra-do-silencio-de-cunha/>>. Acesso em: 20 maio 2017.
REU, Sorocaba, SP, v. 43, n. 1, p. 193 – 207, jun. 2017

É a tendência do espetáculo de tudo absorver, potencializada pela mídia, que esbarra, desse modo, com limites de realização. Mesmo as fronteiras sigilosas do processo foram atingidas pela publicização e pelo espetáculo. Saber se elas são legítimas ou não é um processo demorado em meio a uma sociedade que consome tudo tão instantaneamente.

Balandier (1993) nos mostra que por trás de todas as formas de arranjo da sociedade e de organização dos poderes encontra-se, sempre presente, governando dos bastidores, a “teatrocracia”. Ela regula a vida cotidiana dos homens em coletividade. É o regime permanente que se impõe aos diversos regimes políticos, revogáveis, sucessivos.

Michel Temer assumiu o governo sob a aura da dúvida. Comandou um processo de *impeachment* contra uma representante eleita democraticamente. Seu governo sempre esteve sob suspeita, seja da imprensa, da população ou de seus próprios pares. Recorrendo a Manin (1995, p.7), podemos afirmar que “há concordância no entendimento de que não existe representação quando os governantes não são periodicamente eleitos pelos governados”. Thompson (2002, p. 166-167) definiria esse momento como “o gradual declínio da política ideológica e a crescente importância da política de confiança”. Confiança essa que foi abalada totalmente com a divulgação do áudio, que pareceu encerrar um capítulo que já tinha sua história mais ou menos definida. A teatralização, juntamente com o escândalo, veio no dia 18 de maio (Fig. 2):

Figura 2 – Detalhes da notícia sobre Temer na Folha de S. Paulo.



Fonte: Folha de S. Paulo, São Paulo, 18 de maio 2017. Disponível em: <
<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2017/05/18/2/>. Acesso em: 25 maio 2017.

Ainda recorrendo à Rubim (2001, p. 2):



Assim, uma reflexão que deseje enfrentar verdadeiramente o problema da espetacularização da política em uma contemporaneidade estruturada em rede e ambientada pela mídia não pode deixar de reconhecer que o recurso à emoção, à sensibilidade, à encenação, aos ritos e rituais, aos sentimentos, aos formatos sociais, aos espetáculos. Em suma, a tudo aquilo que, em conjunto com o debate e a argumentação racional, conformam a política.

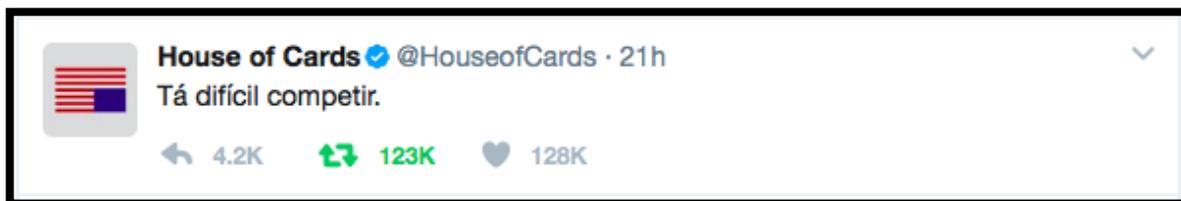
Azevedo (2010) afirma que para se transfigurar num escândalo é necessário que a denúncia repercuta e reverbere entre os formadores de opinião e provoque reações em cadeia suficientemente fortes para que o caso se transforme num assunto “quente” na opinião pública.

Ou seja, num escândalo midiático. Uma vez na agenda pública, o escândalo passa a ter uma dinâmica própria em que os principais protagonistas deste espetáculo midiático, os jornalistas, os políticos e membros do ministério público e do judiciário e eventualmente do aparelho policial desempenham os papéis centrais. Embora todos esses atores tenham um peso importante em algum momento nos rumos de um escândalo, este só pode se manter na agenda pública enquanto a mídia se ocupa intensamente dele, seja através de novas denúncias, a entrada em cena de uma testemunha bomba, a introdução de novos fatos produzidos pelo jornalismo investigativo ou mesmo pela simples reprodução das declarações dos agentes envolvidos (acusadores e denunciados) e da cobertura da repercussão do caso. Assim, o tempo que cada escândalo se mantém na atenção pública depende da sua visibilidade na mídia e os danos (e favorecimentos políticos) que produzem variam de acordo com a gravidade das acusações e do enquadramento dominante adotado na cobertura da mídia (AZEVEDO, 2010, p. 14-15).

No caso do vazamento do áudio, a repercussão extrapolou os formadores de opinião. A internet entrou em polvorosa e o assunto rendeu comparações a séries americanas (de ficção) que exploram os bastidores do poder. O perfil no Twitter do seriado americano *House of Cards*³ postou, em português, uma mensagem em que afirmava: “Tá difícil competir”, numa alusão ao enredo da política brasileira (Fig. 3).

³ *House of Cards* é uma série americana feita para o serviço de streaming Netflix. Aborda o drama sobre as consequências do poder e da corrupção, Francis Underwood (Kevin Spacey) está sedento por sucesso e nada o detém. Trata-se de uma história onde são ultrapassados os limites para satisfazer o desejo de um homem que ambiciona governar o mundo.

Figura 3 – “Tá difícil competir”.

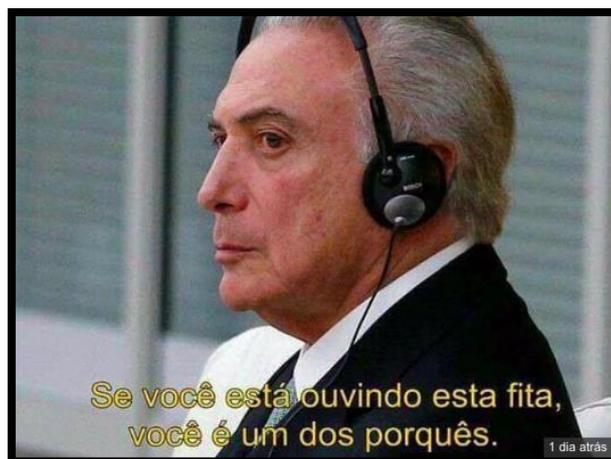


Fonte: Reprodução de texto do Twitter.

Um outro elemento nessa composição é o espectador. Hoje em dia, com a internet a pleno vapor, não é necessário nem mesmo uma pesquisa de opinião para saber como a população avalia o escândalo. Ficar online num Facebook ou Twitter já oferece um parâmetro do alcance e da repercussão do fato. “O papel desempenhado pela mídia na publicização do escândalo político também é reforçado pelos ‘espectadores’ que acompanham freneticamente e ansiosamente os passos e as descobertas da mídia ou das autoridades competentes sobre determinados acontecimentos ou pessoas” (CHAIA, 2015, p. 8).

Nas redes sociais não faltaram manifestações bem humoradas sobre o vazamento do áudio. Num dos memes de internet a comparação é em relação ao seriado americano também da Netflix, *13 reasons Why*⁴ (Fig. 4).

⁴ A série gira em torno de uma estudante que se mata após uma série de falhas culminantes, provocadas por indivíduos selecionados dentro de sua escola. Uma caixa de fitas cassetes gravadas por Hannah antes de se suicidar relata treze motivos pelas quais ela tirou sua própria vida. REU, Sorocaba, SP, v. 43, n. 1, p. 193 – 207, jun. 2017

Figura 4 – Meme com Temer baseado na série *13 reasons Why*.

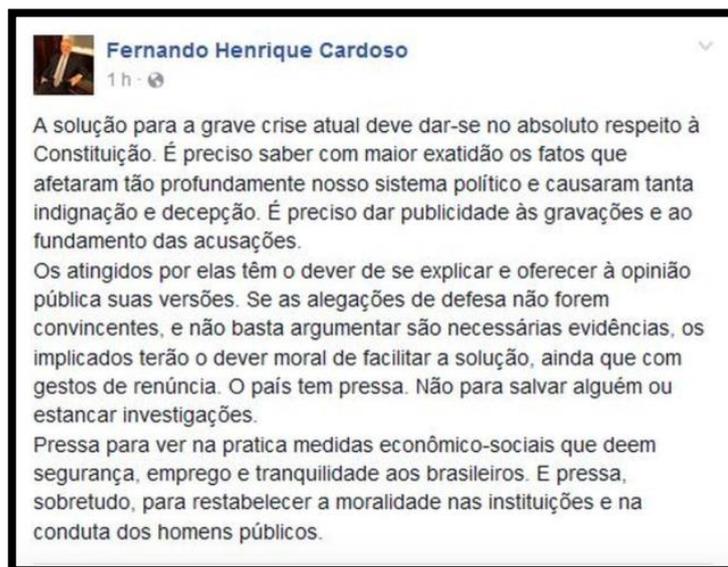
Fonte: Reprodução de imagem do Facebook.

A repercussão foi além dos memes de internet. A Bolsa desabou tendo seu pior dia desde 22 de outubro de 2008 e o dólar subiu R\$ 0,26 em um dia, passando para R\$ 3,39. Ainda no mercado, a Bolsa brasileira acionou o *circuit breaker* quando o Ibovespa caía 10,47%, aos 60.470 pontos. O *circuit break* é uma ferramenta acionada quando o índice tem variação negativa de 10% em relação ao fechamento anterior. A última vez em que a Bolsa havia recorrido ao mecanismo tinha sido justamente em 22 de outubro de 2008, quando o Ibovespa recuou 10,18%.

Os jornais internacionais também repercutiram o escândalo. Na noite de quinta-feira, 18 de maio de 2017, o *Washington Post* divulgou uma nota associando o mal desempenho das ações asiáticas — onde os mercados financeiros já estão abertos — ao "fator Brasil" e ao aumento das tensões políticas tanto por aqui quanto nos Estados Unidos, onde o presidente Donald Trump é questionado sobre suas relações com o governo russo. Já o jornal argentino Clarín deu grande destaque à divulgação dos áudios, dedicando a maior parte de sua *home* à Michel Temer. O site afirma que a situação deve ter impactos no país vizinho e comentou o tuíte da série americana *House of Cards* sobre o caso.

Azevedo (2010) afirma ainda nesse sentido, que quando um escândalo político se transforma num evento midiático, uma de suas principais consequências é a sua exploração política pelos grupos de oposição. Ao longo do dia 18 de maio esse foi um comportamento amplamente visto: Fernando Henrique Cardoso, ex-presidente da República, foi um dos primeiros a pedir a renúncia de Michel Temer (Fig. 5).

Figura 5 – Fernando Henrique Cardoso no Facebook.



Fonte: CARDOSO, Fernando Henrique. Perfil Facebook. [S.l.], 2017. Disponível em: <<http://www.facebook.com/presidentefhc>. Acesso em: 18 de maio de 2017.

Atos contra o presidente Michel Temer tomaram as ruas no dia 18 de maio (Fig. 6).

Figura 6 – Manifestações nas ruas. PM usam bomba de gás, durante protesto no centro do Rio.



Fonte: O ESTADO DE S. PAULO. São Paulo, ano 138, 17 maio 2017. Foto de Fabio Motta. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,pm-usa-bombas-de-gas-em-protesto-na-cinelandia>>. Acesso em: 20 maio 2017.

No dia 19 de maio, a cobertura massiva sobre o escândalo continua (Fig. 7). A pauta do momento é o áudio e o espectador não tem como pensar em outra coisa.

Figura 7 – Temer afirma que não renuncia.



Fonte: FOLHA DE S. PAULO. São Paulo, ano 97, n. 32.188, 19 maio 2017. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2017/05/19/2//6053141>>. Acesso em: 20 maio 2017.



Todos os grandes jornais brasileiros destacam em suas manchetes a atual situação do governo. Não há outro assunto em suas capas. Bisbal (2005) alerta que a atuação dos meios de comunicação contribui para a espetacularização dos fatos. Lima (1996) afirma que a mídia não só informa, mas também forma a realidade. Independente da visão particular que cada autor possui sobre a mídia, todos percebem a crescente centralidade dessa na divulgação de notícias referentes a candidatos e partidos, produzindo informações que norteiam o debate eleitoral. Wolton (2004, p. 65) acrescenta que quanto mais a sociedade é fragmentada e fragilizada pela exclusão social, mais a mídia se apresenta como solução, por assumir acintosamente a missão de estabelecer um laço entre os diferentes.

Na sociedade contemporânea, em que a centralidade dos meios de comunicação é um fato, ocorre a adequação da política a estes meios. As lideranças políticas necessitam da mídia e conseguem se firmar nesta situação à medida que sua imagem é veiculada por esta. A publicização torna-se fundamental para deflagrar ou firmar qualquer carreira política. No entanto, este processo de publicização pode acarretar problemas para estas lideranças, pois a arena da política está mais exposta a riscos, e os políticos não conseguem controlar a visibilidade e o poder da mídia (CHAIÁ, 2015, p. 2).

No dia 19 de maio, seguindo a linha do escândalo e do espetáculo, a posição editorial dos jornais foi a mesma do dia 18. A mesma ênfase. Os consumidores de escândalos referem-se às instituições políticas e aos políticos como elementos presentes nas reportagens que acompanham, associando-os à corrupção, às ações ilícitas e ao descaso com a coisa pública. Contestam os personagens noticiados, mas não contestam os meios de divulgação. A aceitação da notícia como verdade deve-se, entre outros, a dois fatores principais: a credibilidade dos apresentadores, com uma aparente imparcialidade, e o poder incontestável da imagem.

Considerações Finais

Rubim afirma que a política perdeu o controle e o poder de se realizar como atividade pública para a comunicação mediada. As comunicações passaram a constituir um campo de relações sociais que valem como dimensão autônoma da sociabilidade contemporânea. A peculiaridade desse campo consiste em mediar nossa relação com a realidade através do agenciamento de uma série de imagens que, no limite, passam a se confundir com a própria realidade. Aliado ao capitalismo da mídia entendemos as mensagens pelo jogo do poder e espetáculo de quem quer vender jornais. Porém, nosso entendimento avalia que ao mesmo

tempo que tem um papel objetivo, percebemos também que é ela, a imprensa, ator político fundamental nesse processo. Não fosse pela grande mídia, a população brasileira não teria acesso aos bastidores do Planalto, negociações e corrupção.

Na nossa pesquisa percebemos que, apesar destas variáveis, a grande imprensa nacional tem sido capaz, com as exceções de praxe, de manter um jornalismo informativo e investigativo competitivo. Por vezes faz o papel da Justiça quando divulga, por exemplo, áudio de presidente. Mas também funciona como um representante da sociedade.

No governo representativo, não há um representante direto do povo e sim um representante autorizado pelo povo. A centralidade da mídia, como a nova esfera do espaço público e como canal principal para o debate e a opinião, marca esta nova fase da democracia representativa: a democracia de público, ou democracia de opinião, modelo último do governo representativo.

A mídia então faz a política. Mídiação e espetacularização, aqui entendidas como processos similares, amalgamados pela prevalência da mercadoria e do entretenimento, constituiriam uma poderosa, inevitável e indissociável lógica produtiva que, no limite, inviabilizaria o exercício de qualquer política não totalmente transtornada pelo espetáculo, nesse novo espaço, nessas novas linguagens, enfim, nessa nova dimensão pública da sociedade contemporânea.

A tendência do espetáculo de tudo absorver, potencializada pela mídia, esbarra, desse modo, com limites de realização. Como foi no caso da jornalista Vera Magalhães, que percebendo o “efeito manada” logo fez um *mea culpa*. Nesse processo de mídia, política e espetáculo, entendemos que, com todo o jogo de poder e imagens, ainda cabe à imprensa brasileira um papel de destaque, de protagonismo no cenário político. Como diria Millôr Fernandes: “a imprensa é oposição. O resto é armazém de secos e molhados”.

Referências

AZEVEDO, Fernando. Corrupção, mídia e escândalos midiáticos no Brasil. **Em Debate**, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 14-19, mar. 2010

BALANDIER, Georges. **Le pouvoir sur scènes**. Paris, Balland, 1993.

BISBAL, Marcelino. Otros lugares para pensar la política: o consecuencias em la política de la mediación comunicativa. **Metapolítica**, México, n. 40, p. 34-43, mar./abr. 2005.

REU, Sorocaba, SP, v. 43, n. 1, p. 193 – 207, jun. 2017



CARDOSO, Fernando Henrique. Perfil Facebook. [S.l.], 2017. Disponível em: <<http://www.facebook.com/presidentefhc>. Acesso em: 18 de maio de 2017.

CHAIA, Vera Michalany. **Escândalos políticos e eleições no Brasil**. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Jornalismo Político do VI Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (VI COMPOLÍTICA) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), de 22 a 24 de abril de 2015.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro, Contraponto, 1997.

FOLHA DE S. PAULO. São Paulo, ano 97, n. 32.188, 19 maio 2017. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2017/05/19/2//6053141>>. Acesso em: 20 maio 2017.

LIMA, Venício. Os mídia e o cenário de representação da política. **Lua Nova**, Rio de Janeiro, v. 38, p. 48-72, set./dez. 1996.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. São Paulo: Ateliê, 2001.

MANIN, Bernard. As metamorfoses do governo representativo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, ano 10, n. 29, out. 1995.

O ESTADO DE S. PAULO. São Paulo, ano 138, 17 maio 2017. Foto de Fabio Motta. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,pm-usa-bombas-de-gas-em-protesto-na-cinelandia>>. Acesso em: 20 maio 2017.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. **Espectáculo, política e mídia**. São Paulo: Lua Nova, 2001.

SCHWARTZENBERG, Roger-Gerárd. **O estado espetáculo**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1978.

THOMPSON, Thomas. **O escândalo político**: poder e visibilidade na era da mídia. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

WOLTON, Dominique. **Pensar a comunicação**. Brasília: UnB, 2004.

Deysi Ciocari – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
– PUC | São Paulo | SP | Brasil. Contato: deysiciocari@gmail.com

Vanderlei de Castro Ezequiel – Faculdade Cásper Líbero – FCL
| São Paulo | SP | Brasil. Contato: vander.ce@gmail.com

Artigo recebido em maio de 2017 e
aprovado em junho de 2017.